

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque (em vermelho): Matérias que citam o Ministro Almirante Bento Costa Lima Leite de Albuquerque Junior ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: O Globo	2
Título: Abaixo da meta	2
Título: Petrobras começa a fazer mudanças em seu conselho	4
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	5
Título: Inflação fecha ano em 3,75% e é a menor para dezembro desde Real.....	5
Título: Diretor deixa a Eletrobras, e presidente assumirá funções.....	6
Título: Bolsonaro celebra troca de petista por capitão.....	7
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	7
Título: Pré-sal: o 'shale' brasileiro	7
Título: Petrobrás troca conselheiros ligados ao PT	9
Título: IPCA varia 3,75% em 2018, abaixo da meta	11
Título: Bolsonaro apaga tuíte com referência a amigo na estatal	12
Título: Governo Bolsonaro intervém no conselho de administração da Petrobrás.....	14

VEÍCULO: O Globo**Data: 12/01/2019****Seção: Economia****Autor: Daiane Costa****Título: Abaixo da meta**

Com inflação de 3,75% em 2018, previsão é de juros baixos e estímulo ao consumo

Pelo segundo ano consecutivo, a inflação oficial, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), encerrou o ano abaixo da meta estabelecida pelo Banco Central (BC). Os preços subiram 3,75% em relação a 2017, segundo o IBGE. O resultado veio em linha com as expectativas do mercado e foi inferior ao percentual de 4,5%, o centro da meta definida pela autoridade monetária.

Com a inflação baixa, os economistas preveem uma gestão com menos desafios para o novo presidente do BC, Roberto Campos Neto. Sem a necessidade de encarecer o crédito para evitar uma alta de preços, o banco deve manter os juros nos atuais 6,5%, nível mais baixo já registrado no país. Analistas acreditam que a taxa básica Selic só voltará a subir no fim de 2019 ou até mesmo em 2020, estimulando mais consumo e investimentos este ano.

— Com a Selic estabilizada no patamar mínimo histórico, o juro real está em torno de 2,5%, um nível bastante baixo. O Brasil não está acostumado a viver em condições de juros baixos. Essa estabilidade será importante para dar confiança ao mercado financeiro sobre a possibilidade de repassar, com menos riscos, essa queda ao crédito, o que estimulará o consumo e o financiamento de infraestrutura — analisa Luiz Roberto Cunha, economista da PUC-Rio.

CENÁRIO EXTERNO É RISCO

O cenário de preços sob controle deve se repetir em 2019, quando analistas pre-veem que o IPCA fique em torno de 4% — o que levaria o país a ter o terceiro ano seguido de inflação inferior ao índice perseguido pelo BC. Em 2019, o centro da meta é um pouco menor, de 4,25%.

O presidente do Banco Central, Ilan Goldfajn, que deve deixar o cargo em março, disse ontem que manter a inflação dentro da meta é um processo contínuo, e que as reformas e ajustes fiscais são essenciais para preservar o índice controlado e recuperar a economia.

— Manter a inflação dentro da meta é um processo contínuo e demonstra o empenho do Banco Central e de toda sua equipe. As reformas e os ajustes

fiscais são essenciais para manter a inflação controlada e a taxa de juros em queda e contribuir para a recuperação da economia—comentou Ilan.

Em 2018, os grandes vilões que pesaram no bolso do brasileiro foram plano de saúde, com alta de 11,7%, **energia elétrica (8,7%) e gasolina (7,24%)**. Juntos, eles responderam por 28% do índice geral.

A taxa de dezembro foi de 0,15%, acelerando em relação ao mês anterior, quando houve deflação de 0,21%. Mesmo assim, foi o menor patamar para o mês desde o início do Plano Real, em 1994.

— Basicamente, a alta dos preços dos planos de saúde ocorreu por causa do percentual de reajuste autorizado pela Agência Nacional de Saúde, que foi de até 10% — explicou Fernando Gonçalves, gerente do Sistema Nacional de Índices de Preços do IBGE.

O aumento da gasolina foi consequência da alta do câmbio e do preço do barril de petróleo. Já a falta de chuvas, que resultaram em cinco meses seguidos de cobrança extra no patamar mais alto nas contas de luz, e reajustes na casa dos dois dígitos por parte de distribuidoras importantes, como a Eletropaulo, elevaram o preço da energia. Alimentos e bebidas tiveram alta de 4,04%.

Em 2019, a previsão de alta um pouco maior da inflação, em relação ao resultado de 2018, deve refletir a melhora da economia e, consequentemente, do consumo, o que dará margem à aceleração de preços, acreditam os economistas. A expectativa é que a energia elétrica suba menos. Além disso, a safra de grãos deve ser tão boa quanto a do ano anterior e que o câmbio fique acomodado em patamar mais baixo.

Este, no entanto, é o mais suscetível a surpresas. Para Luis Otávio Leal, economista-chefe do Banco ABC, o grande risco para a inflação de 2019 é o cenário externo:

— O mercado está muito volátil, a economia americana está desacelerando, a política monetária dos Estados Unidos tornou-se incerta, e o desfecho da guerra comercial entre Trump e China é indefinido. O mundo vai crescer menos, e tudo isso pode resultar em desvalorização do real — comentou, acrescentando que a credibilidade alcançada pelo BC nos últimos dois anos, com a ancoragem das expectativas da inflação, vai ajudar os preços a seguirem comportados.

SERVIÇOS PODEM SUBIR

Os serviços desaceleraram com força em 2018. Tiveram alta de 3,36%, enquanto no ano anterior o aumento havia sido de 4,51%. A taxa do ano passado é a menor desde que o instituto começou a pesquisar essa cesta de

itens, em 2012. Para 2019, o segmento pode ter leve aceleração, tendo em vista que a melhora da economia — o Boletim Focus mais recente do Banco Central prevê PIB de 2,53% para 2019 — abre espaço para repasse de custos aos preços.

Colaborou Gabriel Martins

VEÍCULO: O Globo

Data: 12/01/2019

Seção: Economia

Autor: Ramona Ordonez

Título: Petrobras começa a fazer mudanças em seu conselho

Dois membros já deixaram cargo, e expectativa é que mais 2 sejam substituídos

Após a posse de Roberto Castello Branco na presidência da Petrobras, o Conselho de Administração da companhia começa a mudar sua composição. Segundo fontes, a tendência é que nomes mais alinhados com a política econômica ocupem as vagas, como revelou o jornal "Valor Econômico". No último dia 2 de janeiro, véspera da posse de Castello Branco, dois integrantes renunciaram: Luiz Nelson Carvalho, então presidente do conselho, e Francisco Petros.

Segundo fontes, outros dois conselheiros, com mandato até abril de 2020, indicados pela União durante o governo do PT, estariam prestes a deixar o cargo. Na prática, quatro das nove vagas sofreriam mudanças.

— É natural que Castello Branco queira ter um novo presidente do conselho, alinhado a seu programa de governo — explicou um executivo a par das discussões.

Eventuais mudanças no conselho não ferem o sistema de governança e compliance criado para blindar a companhia após a descoberta do escândalo de corrupção revelado pela Operação Lava-Jato. Segundo fontes próximas à estatal, a União pode substituir membros do colegiado independentemente da data de fim do mandato, com exceção do conselheiro que representa os acionistas minoritários e os empregados.

Outras fontes apar das mudanças atribuem a troca na composição do conselho a desentendimentos anteriores, ocorridos no período em que Castello Branco ocupava uma vaga no colegiado.

O estatuto social da companhia determina que o conselho deve ser composto por até 11 integrantes, com no mínimo 40% de membros independentes. Atualmente, a presidência interina é ocupada por Jerônimo Antunes.

Na gestão de Pedro Parente, muito foi feito para defender que o Conselho de Administração se tornasse, de fato, independente, sem integrantes do governo federal. Parente buscou deixar clara sua independência do governo para tomar decisões.

Ao tomar posse, na semana passada, Castello Branco fez questão de reforçar que sua gestão seria pautada pela continuidade da recuperação financeira da Petrobras, com base em uma administração com foco empresarial, para que a estatal proporcionasse retorno aos seus diferentes acionistas. Procurada, a Petrobras não respondeu até o fechamento desta edição. (Com agências internacionais)

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 12/01/2019

Seção: Mercado

Autor: Lucas Vettorazzo

Título: Inflação fecha ano em 3,75% e é a menor para dezembro desde Real

A inflação fechou 2018 em 3,75%, divulgou o IBGE, na esteira da lenta retomada da atividade econômica no país, da queda mais recente do preço dos combustíveis e da redução do preço dos alimentos.

Considerando apenas dezembro, o IPCA, índice oficial de inflação, ficou em 0,15%, ante deflação de 0,21% em novembro. Essa foi a menor variação para um mês de dezembro desde a instauração do Plano Real no Brasil, em 1994.

No cômputo anual, o indicador ficou abaixo do centro da meta, que era de 4,5%, com intervalo de 1,5 ponto percentual para mais ou para menos (entre 3% e 6%, portanto).

Apesar da melhora da taxa de desemprego em 2018, a renda do trabalhador não aumentou significativamente e as novas vagas no mercado estiveram concentradas no segmento informal. O investimento não retomou patamares pré-crise, a despeito da melhora da confiança do empresariado, e ainda há capacidade ociosa na indústria.

Aliados à retomada que não se concretizou como o esperado, esses fatores contribuíram para a manutenção em patamares baixos da inflação.

O IPCA mais baixo em dezembro decorreu principalmente da deflação dos preços de transportes (-0,54%), com redução no custo da gasolina, e desaceleração no grupo de habitação (0,15%), com redução da energia.

Ainda assim, a gasolina fechou o ano em alta de 7,24%. A energia elétrica subiu 8,70%.

Já os preços dos alimentos, vilões da inflação em 2015 e em 2016, voltaram a patamares normais em 2018, depois de um 2017 de safras recordes. O indicador fechou dezembro em 0,44%. No acumulado do ano, a variação foi de 4,04%. Mesmo assim, segundo o IBGE, foi o grupo que mais influenciou o resultado anual do IPCA, com alta em produtos importantes como batata (20,0%), cebola (24%) e tomate (71,76%).

Para 2019, analistas esperam inflação entre 4% e 5%. O consenso é que a melhora da economia poderá ser acompanhada de aumento do consumo e, consequentemente, de preços.

Economistas ouvidos pela Folha, contudo, acreditam que a aceleração da inflação será tímida, já que o consumo das famílias ainda é baixo e há ociosidade na indústria.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 12/01/2019

Seção: Mercado

Autor:

Título: Diretor deixa a Eletrobras, e presidente assumirá funções

A Eletrobras informou que o diretor Financeiro e de Relações com Investidores, Armando Casado de Araújo, renunciou ao cargo “por motivos de ordem pessoal”, conforme comunicado ao mercado nesta sexta-feira (11).

O presidente da empresa, Wilson Ferreira Junior, vai assumir as funções das diretorias cumulativamente, informou a estatal.

Uma pessoa com conhecimento do assunto disse à Reuters que o executivo vinha sendo pressionado por familiares para deixar o cargo e voltar a Brasília.

Casado estava na Eletrobras desde junho de 2008, quando entrou na companhia como assistente na diretoria financeira.

Em nota a clientes, analistas do Itaú BBA viram a notícia como positiva para a Eletrobras, uma vez que “um nome mais técnico” poderia ajudar o presidente-executivo da elétrica a implementar um plano de capitalização da companhia.

“Acreditamos que uma substituição deve ser anunciada rapidamente e esperamos que Ferreira traga alguém de sua confiança.”

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Data: 12/01/2019****Seção: Mercado****Autor: Nicola Pamplona****Título: Bolsonaro celebra troca de petista por capitão**

O presidente Jair Bolsonaro voltou a defender a indicação de Carlos Victor Guerra Nagem para a gerência-executiva de Inteligência e Segurança Corporativa da Petrobras em rede social nesta sexta-feira (11).

Em uma publicação, ele afirmou que “o capitão Nagem, funcionário da Petrobras, ocupará a vaga da petista Regina Miki (foto) na chefia de segurança”.

Na foto, ela, que se apresenta como Regina de Luca, aparece entre apoiadores de Dilma Rousseff (PT), em campanha eleitoral.

Ela foi secretária nacional de Segurança Pública de Dilma. Na Petrobras, atuou a convite do ex-presidente Pedro Parente, na gestão Michel Temer (MDB).

Nagem, que é de Curitiba, foi duas vezes candidato e recebeu apoio de Bolsonaro, que o chamou, em vídeo, de “amigo particular”.

Bolsonaro apagou uma postagem de quinta-feira (10) sobre Nagem, quando escreveu que “a era do indicado sem capacitação técnica acabou, mesmo que muitos não gostem”.

Depois, publicou: “A seguir o currículo do novo gerente-executivo de Inteligência e Segurança Corporativa da Petrobras, mesmo que muitos não gostem, estamos no caminho certo!”

Nesta sexta, ele criticou a imprensa: “Apesar de brilhante currículo [de Nagem], setores da imprensa dizem que é apenas ‘amigo de Bolsonaro’”.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 12/01/2019****Seção: Opinião****Autor: Adriano Pires****Título: Pré-sal: o ‘shale’ brasileiro**

Estamos diante de um momento ímpar e inédito para o setor de óleo e gás (O&G) brasileiro. A consolidação da exploração e da produção no pré-sal pode colocar o País diante de uma oportunidade histórica para a redenção da

economia brasileira. Nos últimos anos os EUA, a partir da descoberta e da viabilização das reservas de shale, mudaram não só o cenário econômico do país, mas também a geopolítica global do mercado de óleo e gás. A disparada do preço do petróleo, em 2011, foi determinante para impulsionar o shale gas/oil americano, que tinha um alto custo para exploração. O resultado foi um aumento de mais de 60% na produção de petróleo dos EUA em apenas cinco anos, entre 2009 e 2014, quando o país superou Rússia e Arábia Saudita e passou a ser o maior produtor do mundo.

Com a queda brusca no preço do petróleo, entre 2014 e 2016, muitas empresas faliram por não conseguir reduzir os custos de exploração, levando a uma consolidação do mercado. Nesse período, investimentos em pesquisa e desenvolvimento foram feitos e a indústria americana precisou se adaptar para sobreviver, reduzindo o custo de exploração/produção do shale. O protagonismo assumido pelos EUA influenciou todo o mercado, pois sua produção passou a ser capaz de compensar parcialmente as reduções acordadas entre os países-membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), muitas vezes com participação da Rússia, que visam ao aumento da cotação internacional do petróleo. Com isso, a influência da organização ficou limitada e os EUA passaram a ser uma ameaça ao já consolidado market share dos principais exportadores.

Além de mudar a dinâmica do mercado de petróleo, o shale americano transformou o país no maior produtor mundial de gás natural em 2011. Por ter uma malha de gasodutos altamente desenvolvida, com quase 5 milhões de km de extensão, o setor foi capaz de expandir o mercado nacional e dar vazão à crescente oferta. O gás natural substituiu o carvão, na geração elétrica, no setor industrial e no setor de transportes, este sob forma de Gás Natural Liquefeito (GNL), como combustível para caminhões, ônibus, navios e trens. A maior disponibilidade de gás natural também trouxe de volta o crescimento do setor petroquímico americano, que passou a ter competitividade e segurança no abastecimento.

O crescimento do setor de O&G atraiu grandes investimentos, como os US\$ 20 bilhões divulgados pela Exxon em 2018, destinados a instalações no Golfo do México. O montante, que será distribuído pelos próximos dez anos, envolve a expansão de diversas indústrias, desde refinarias até fábricas de lubrificantes e plantas de GNL. A empresa estima mais de 45 mil novos postos de emprego. Se aprendermos com a experiência americana, o pré-sal no Brasil pode ser uma grande oportunidade para a sociedade brasileira sair da crise econômica e social enfrentada nos últimos anos e entrar num ciclo virtuoso.

Para isso, é preciso ter senso de urgência e acelerar mudanças regulatórias e jurídicas que incentivem investimentos na exploração, produção e

infraestrutura de óleo e gás. Ao mesmo tempo, criar mercados capazes de absorver o aumento da produção, como investimentos em refino e novos mercados consumidores de gás natural. Os investimentos privados vão mudar o perfil das refinarias brasileiras. Isso porque o óleo do pré-sal e as exigências ambientais levarão a uma maior produção de nafta, trazendo maior competitividade para a indústria petroquímica. Por sua vez, o gás natural vai ser mais consumido na geração de eletricidade; na indústria, no comércio e nas residências; e como combustível para o setor de transportes.

Estima-se que a produção brasileira possa atingir um patamar superior a 5 milhões de barris/dia nos próximos dez anos, quase o dobro do registrado em 2018. Deste total, o pré-sal poderá representar mais de 80%. Não vejo no horizonte dos próximos 20 anos nenhum setor da economia que possa aumentar arrecadação, gerar empregos e atrair investimentos como o de óleo e gás. Não podemos nem devemos perder essa oportunidade.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 12/01/2019

Seção: Economia

Autor: Renata Agostini Fernanda Nunes / RIO Mônica Scaramuzzo /SÃO PAULO

Título: Petrobrás troca conselheiros ligados ao PT

Antes mesmo da posse de Roberto Castello Branco, dois membros do conselho da estatal já haviam renunciado a pedido do governo

O movimento para alterar a composição do conselho de administração da Petrobrás foi iniciado nos primeiros dias do ano com o objetivo de colocar no colegiado nomes com visão alinhada ao governo de Jair Bolsonaro. As mudanças logo miraram conselheiros que nutriam ligação com a gestão petista. Antes mesmo da posse oficial de Roberto Castello Branco na presidência, foram apresentados os pedidos de renúncia de Luiz Nelson Guedes de Carvalho, que ocupava o cargo de presidente do conselho, e de Francisco Petros Papathanasiadis. Ambos o fizeram atendendo a um pedido do governo. A pressão para a renúncia passou a recair então sobre outros nomes, como Segen Estefen e Durval Soledade. A informação foi revelada pelo jornal Valor Econômico e confirmada pelo Estado. Há expectativa de que ao menos um deles apresente seu pedido de afastamento nos próximos dias. O comando da estatal não descarta convocar uma assembleia para afastá-los, mas a decisão não está tomada.

Carvalho e Petros compuseram o colegiado na gestão do ex-presidente Ademar Bendine, quando Castello Branco também fazia parte do conselho. Bendine acabou preso pela Lava Jato. Carvalho ascendeu à presidência do conselho da

estatal ainda no governo Dilma. Stefen é professor da Coppe/ UFRJ e ligado a Luiz Pinguelli Rosa, ex-presidente da Eletrobrás no primeiro governo Lula. Ele foi eleito conselheiro da Petrobrás durante o governo de Dilma Rousseff, em 2015. Já Soledade ocupou cargos de confiança no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), de 1973 a 2008. O executivo também foi diretor da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) durante o governo Lula, mas entrou para o conselho da petroleira já no governo Michel Temer. De acordo com uma fonte ligada ao colegiado, as conselheiras Ana Zembelli e Clarissa Lins, contratadas recentemente por meio de agência de recrutamento na Petrobrás, devem permanecer em seus cargos.

Mercado. Investidores e especialistas em governança corporativa receberam com naturalidade as mudanças no conselho de administração da Petrobrás. Após a notícia, a cotação da petroleira na Bolsa quase não se alterou nesta sexta-feira. A queda ao fim do pregão foi de 1,07% das preferenciais e de 0,63% das ordinárias, refletindo o movimento do barril de petróleo no mercado internacional. A visão de especialistas de governança é que há uma cultura na empresa de mudar os cargos de liderança quando muda o governo. “É natural também que o conselho de administração seja modificado. Um rodízio é sempre importante”, avaliou o presidente da Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais do Rio de Janeiro (Apimec- Rio), Helio Darwich. Ele argumenta que a mesma lógica é utilizada em multinacionais. Para Erasmo Valladão Azevedo e Novaes e França, especialista em direito societário pela USP, a participação do presidente da companhia na substituição de parte do conselho pode sinalizar ingerência política na cúpula da petroleira.

“O fato de o presidente pedir para um membro do conselho sair e para que nomes sejam indicados sinaliza uma interferência em um assunto que é da assembleia de acionistas”, afirmou. A escolha do conselho é atribuição da assembleia. Em última análise, acaba sendo da União, que é o acionista controlador da estatal. “Sociedades de economia mista, como a Petrobrás, são conflituosas. Elas convivem com o embate entre o atendimento dos interesses sociais e dos acionistas, que estão prioritariamente preocupados com o lucro e a distribuição de dividendos”, diz França. Na tentativa de não privilegiar um ou outro lado, a Petrobrás incluiu no seu estatuto a figura do conselheiro independente, definido no regulamento da B3, que teria um perfil de mercado. Para ser caracterizado como independente, porém, basta não ter ligação evidente com os acionistas, o que, no dia a dia, não garante necessariamente autonomia de decisão.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 12/01/2019****Seção: Economia****Autor: Daniela Amorim / RIO Maria Regina Silva****Título: IPCA varia 3,75% em 2018, abaixo da meta**

Pela segunda vez seguida, taxa de inflação é inferior à meta definida pelo governo; em dezembro, IPCA foi o menor para o mês desde o real

A recuperação morna da atividade econômica e as dificuldades enfrentadas pelos brasileiros que ainda buscam emprego ajudaram a conter a inflação oficial no País em 2018. O resultado ficou abaixo do centro da meta de inflação perseguida pelo governo, embora os gastos com plano de saúde, **energia elétrica, gasolina** e alimentos tenham pesado no bolso das famílias. Em dezembro, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) ficou atipicamente baixo, levando o indicador, no acumulado do ano, a 3,75%, segundo informou ontem o IBGE. Os custos dos serviços encerraram o ano com o menor resultado da série histórica, em 2012, uma alta de 3,36%. “As famílias estão gastando com o que é mais essencial: alimentação, habitação, transportes”, disse Fernando Gonçalves, gerente na Coordenação de Índices de Preços do IBGE, ao explicar o resultado. Essa é a lógica seguida pelo ambulante Cristiano dos Santos, de 26 anos, que vende apetrechos para telefone celular em uma das principais avenidas do centro do Rio. Pai de três filhos, ele busca uma vaga com carteira assinada para dar mais segurança à família.

A mulher dele, Carla Priscila, de 26 anos, está à procura de trabalho após ter perdido o emprego como faxineira numa empresa de terceirização de mão de obra. Como as vendas enfraqueceram nos últimos anos, Santos cortou também o lazer da família. “Parei de sair com meus filhos, ir a restaurante, lanchonete. Dei uma segurada para conseguir guardar em vez de gastar. Aqui (como ambulante) tem dia que ganha mais, tem dia que ganha menos. Já teve época em que eu fazia R\$ 300,00 por dia. Hoje ganho R\$ 100,00, às vezes só R\$ 50,00. Não é um dinheiro com que a gente possa contar, então tem que guardar”, explicou Santos. No ano passado, os preços dos itens supérfluos subiram menos do que os de bens essenciais, por causa da baixa demanda, disse Fernando Gonçalves, do IBGE. As despesas pessoais tiveram a menor alta desde 1999, enquanto os itens de vestuário também tiveram o mais baixo resultado desde 1998.

“O fato de famílias estarem retomando emprego pela informalidade, com alto nível de desocupação ainda, traz insegurança para a família de ter consumo. Então ela vai levar esse salário ao que é essencial: ‘eu vou comer e vou deixar para comprar depois aquela camisa que gostei’”, exemplificou o pesquisador do

IBGE. Em dezembro, o IPCA subiu 0,15% a menor taxa para o mês desde a implantação do Plano Real. As famílias pagaram mais pela cebola, batata, feijão, frutas e carnes. Por outro lado, itens importantes da cesta básica, como o leite, pão francês e o arroz, ficaram mais baratos. **A queda no preço da gasolina mais do que compensou o avanço das tarifas aéreas. Com a entrada em vigor da bandeira tarifária de cor verde em substituição à cobrança extra pela bandeira amarela, a conta de luz também deu trégua.**

Despesas pessoais. Pesquisa do Projeções Broadcast com 26 agentes do mercado financeiro apontou que o IPCA deverá encerrar os próximos dois anos em 4%. Se confirmado, o resultado de 2019 também virá abaixo do centro da meta de inflação para o ano (de 4,25%), enquanto em 2020 ficará exatamente no alvo perseguido pelo Banco Central (de 4,00%). Para os primeiros meses de 2019, o economista-chefe da MB Associados, Sergio Vale, avalia que janeiro e fevereiro devem apresentar taxas mais pressionadas. “Em janeiro, as fortes chuvas costumam afetar preços de hortifruti, enquanto a inflação de fevereiro deve ser pressionada pelo grupo Educação”, apontou Vale, que projeta alta de 3,80% no IPCA de 2019. “Ainda deve ficar num patamar bastante razoável, diante do quadro de fraqueza na atividade econômica, ainda persistente”, completou o economista da consultoria MB Associados.

O cenário é confortável o suficiente para que o Banco Central não precise aumentar a taxa básica de juros, a Selic, nas próximas reuniões do Comitê de Política Monetária (Copom), opinaram especialistas. O economista-chefe do Banco Safra, Carlos Kawall, lembra que o crescimento econômico em 2018 ficou abaixo do esperado, mas não há pressões inflacionárias no radar, mesmo que se espere uma aceleração do ritmo de recuperação da atividade em 2019. “É um quadro bastante tranquilo que poderá postergar a alta da Selic para 2020”, estimou Kawall. /COLABORARAM CAIO RINALDI e RENATA PEDINI

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 12/01/2019

Seção: Economia

Autor: Daniel Weterman, Marcelo Osakabe, Fábio Grellet E Denise Luna

Título: Bolsonaro apaga tuíte com referência a amigo na estatal

Presidente excluiu trecho publicado na quinta-feira em que diz que ‘a era do indicado sem capacitação técnica acabou’

Ao divulgar a indicação de um “amigo particular” para a gerência executiva de Inteligência e Segurança Corporativa da Petrobrás, o presidente Jair Bolsonaro publicou uma mensagem no Twitter afirmando que “a era do indicado sem capacitação técnica acabou”. A publicação, no entanto, foi apagada e trocada

por outra sem esse trecho. “A era do indicado sem capacitação técnica acabou, mesmo que muitos não gostem. Estamos no caminho certo!”, escreveu Bolsonaro em post publicado às 23h16 de quinta-feira, com uma descrição do currículo do indicado. Em 2016, o presidente havia se referido ao escolhido como “amigo particular”. Após apagar a mensagem, outra foi publicada às 23h59 com um novo texto: “A seguir o currículo do novo Gerente Executivo de Inteligência e Segurança Corporativa da Petrobrás, mesmo que muitos não gostem, estamos no caminho certo!”. Bolsonaro se referia a Carlos Victor Guerra Nagem, capitão-tenente da reserva da Marinha e funcionário da estatal há 11 anos.

Segundo a própria estatal, ele é graduado em Administração pela Escola Naval e há seis anos atua na área de Segurança Corporativa da empresa. Também segundo a Petrobrás, possui mestrado em Administração pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e tem dez anos de experiência como professor no ensino superior. Segundo o site O Antagonista, o salário de Nagem, com a promoção, passará de R\$ 15 mil mensais para mais de R\$ 50 mil. Questionada sobre a informação, a Petrobrás não respondeu. Nagem já se licenciou da estatal em duas ocasiões, para disputar as eleições de 2002 e de 2016, usando a alcunha de Capitão Victor e filiado ao PSC (partido que Bolsonaro integrou).

Na primeira vez, Capitão Victor tentou se eleger deputado federal pelo Paraná; na segunda, disputou uma cadeira de vereador em Curitiba. Nas duas foi derrotado. Em 2016, Bolsonaro gravou um vídeo em que pede votos para o candidato que classificou como “meu amigo particular”. A Federação Única dos Petroleiros (FUP) afirmou ontem que a indicação de Nagem, para a gerência Executiva de Inteligência e Segurança Corporativa da Petrobrás fere o Plano de Cargos e Remuneração (PCR) da estatal. Segundo os critérios da petroleira, a vaga requer pelo menos 10 anos de experiência gerencial na área em empresa de grande porte nacional ou internacional, o que não seria o caso de Nagem, segundo a FUP. Ontem, Bolsonaro usou o Twitter para ironizar a cobertura da imprensa em relação à nomeação:

“Peço desculpas à grande parte da imprensa por não estar indicando inimigos para postos em meu governo!” Nova indicação. Mais tarde, Bolsonaro voltou às redes sociais para anunciar mais um nome militar para a Petrobrás. Ele anunciou o tenente da reserva Marcelo Dias para a gerência de inteligência da petroleira. Ele disse que Dias é concursado e “foi retirado por Miki dessa mesma função em 2018”. Regina Miki ocupava o posto que será de Nagem e foi classificada como “petista” pelo presidente que publicou uma foto em que a ex-funcionária estaria com um grupo de pessoas segurando cartazes da campanha eleitoral de Dilma Rousseff.

nmin

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 12/01/2019****Seção: Mercado****Autor: Renata Agostini Fernanda Nunes / Rio Mônica Scaramuzzo / SP****Título: Governo Bolsonaro intervém no conselho de administração da Petrobrás**

Governança. Segundo o novo presidente da estatal, Roberto Castello Branco, a União determinou uma mudança no perfil do colegiado da empresa, para adequá-lo às novas diretrizes; os substitutos já foram selecionados e serão anunciados nos próximos dias

O governo Jair Bolsonaro decidiu intervir no conselho de administração da Petrobrás, substituindo alguns dos atuais conselheiros por executivos com visão alinhada à nova equipe econômica. Os novos nomes já foram selecionados e serão anunciados nos próximos dias, apurou o 'Estado'. Com as trocas, o governo pretende adequar o colegiado às novas diretrizes delineadas para a petroleira. Os nomes que serão apresentados pela União substituirão conselheiros com mandato vigente até 2020, mas que decidiram renunciar agora de seus cargos após serem avisados de que o governo gostaria de substituí-los. O novo presidente da estatal, Roberto Castello Branco, confirmou em entrevista ao Estado a determinação da União de alterar a composição do colegiado.

"O acionista controlador deseja mudar. A intenção é mudar o perfil do conselho para que tenhamos mais representantes com visão estratégica do que a Petrobrás precisa", afirmou. "Um novo ciclo se encerrou e iniciamos uma nova era", disse. Castello Branco refutou a ideia de que o governo vá promover uma tentativa de aparelhamento da estatal. Segundo ele, os novos integrantes terão perfil técnico. "São gestores experientes e acima de qualquer suspeita, cujos nomes serão anunciados ao mercado e submetidos à apreciação dos órgãos de governança da companhia", afirmou.

No momento, há dois assentos vagos, mas há expectativa de que mais um conselheiro apresente sua renúncia em breve. Eles tomaram a decisão de se afastar após pedido feito pelo próprio Castello Branco, que se colocou como "mensageiro" do controlador, de acordo com três fontes do colegiado ouvidas pelo Estado. A União tem direito de indicar oito dos onze assentos no conselho de administração da Petrobrás – outros três postos são destinados a representantes dos acionistas minoritários e dos empregados da estatal. Ao assumir a presidência, Castello Branco passou a ocupar um dos oito postos.

Ao assumir o comando da companhia, Castello Branco afirmou que, durante o governo Michel Temer, Pedro Parente e Ivan Monteiro atuaram para resgatar as finanças da empresa e que ele, agora, deseja transformá-la numa “campeã”. Isso incluirá focar na exploração do pré-sal e intensificar a venda de ativos, reduzindo drasticamente a participação em algumas áreas, como a de refino. Para essa tarefa, precisará de votos favoráveis no conselho. Castello Branco não quis antecipar o nome dos executivos escolhidos para integrar o conselho. Segundo apurou o Estado, a ideia do governo é anunciar já no início da semana que vem o nome de três novos integrantes, incluindo o novo presidente do conselho.

MME / ASCOM .